

A IDADE MÉDIA IMAGINADA PELOS ADEPTOS DA RETÓRICA DO
CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES EM DIFERENTES MOMENTOS DOS
SÉCULOS XX E XXI

THE MIDDLE AGES IMAGINED BY THE FOLLOWERS OF THE
RHETORIC OF THE CLASH OF CIVILIZATIONS IN DIFFERENT
MOMENTS OF THE 20TH AND 21ST CENTURIES

LA EDAD MEDIA IMAGINADA POR LOS ADOPTOS DE LA
RECTORIA DEL SHOCK DE CIVILIZACIÓN EN DIFERENTES
MOMENTOS DE LOS SIGLOS XX Y XXI

Carlile Lanzieri Júnior

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: carfilelanzieri@gmail.com.br.

Douglas Mota Xavier de Lima

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: dougmotahistoria@gmail.com.

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi55.51856>

Recebido em 19/01/2020

Aceito em 17/11/2020

Resumo

Analisar as relações entre o local e o global é uma forma de superar ultrapassadas relações dicotômicas e etnocêntricas que, por vezes, permanecem a orientar a escrita da história. Diante disso, o objetivo do artigo é problematizar o uso predominante da concepção de Idade Média eurocêntrica e excludente, presente em diferentes acontecimentos belicosos e violentos do século XX e XXI, discutindo novas interpretações a partir do diálogo com a história global e com os estudos pós-coloniais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória, que procura demonstrar o potencial desses aportes para as pesquisas acerca da Idade Média na atualidade. Conclui-se que é necessário desconstruir um discurso de Idade Média que justifica práticas de intolerância e discriminação para fortalecer uma Idade Média ética e aberta à diversidade, com múltiplas conexões de lugares e saberes.

Palavras-chave: História Global; Idade Média; Usos do passado.

Abstract

To analyze the relationships between local and global is a way of overcoming outdated dichotomous and ethnocentric relationships that sometimes remain to guide the writing of history. Thus, the objective of this article is to problematize the predominant use of the conception of the Eurocentric and exclusionary Middle Ages, present in different bellicose and violent events of the twentieth and twenty-first century, discussing new interpretations from the dialogue with global history and post-colonial studies. This is a bibliographic research, qualitative and exploratory approach, which seeks to demonstrate the potential of these contributions to research on the Middle Ages today. It is concluded that it is necessary to deconstruct a Middle Ages discourse that justifies intolerance and discrimination practices to strengthen an ethical Middle Ages open to diversity, with multiple connections of places and knowledge.

Keywords: Global history; Middle Ages; Past uses.

Resumen

Analizar las relaciones entre lo local y lo global es una forma de superar las relaciones dicotómicas y etnocéntricas obsoletas que, en ocasiones, permanecen para guiar la escritura de la historia. En vista de esto, el objetivo del artículo es problematizar el uso predominante de la concepción eurocéntrica y excluyente de la Edad Media, presente en diferentes eventos belicosos y violentos del siglo XX y XXI, discutiendo nuevas interpretaciones del diálogo con la historia global y los estudios poscoloniales. Esta es una investigación bibliográfica, con un enfoque cualitativo y exploratorio, que busca demostrar el potencial de estas contribuciones para la investigación en la Edad Media actual. Concluimos que es necesario desconstruir un discurso de la Edad Media que justifique las prácticas de intolerancia y discriminación para fortalecer una Edad Media ética que esté abierta a la diversidad, con múltiples conexiones de lugares y conocimientos.

Palabras Clave: Historia Global; Edad Media; Usos del pasado.

Dada a difundida moda de ver a 'globalização' como chave para entender o presente, a necessidade de se voltar no tempo e explorar as origens históricas desse processo parece ser autoevidente. Em muitos lugares, particularmente em sociedades de imigrantes, a História Global é também uma resposta a desafios sociais e à demanda por uma perspectiva nacional do passado mais inclusiva e menos restrita. (CONRAD, 2016, p. 1-2).

Em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), o sociólogo jamaicano Stuart Hall chamou atenção para um assunto primordial, mas tantas vezes ignorado: a subjetividade do pesquisador é em parte formada por tudo aquilo que os outros já disseram e/ou escreveram. Em nosso caso específico, como brasileiros, amiúde pesquisamos a Idade Média a partir de referenciais europeus há tempos consolidados. Por vezes, não o fazemos a partir de indagações próprias ou das experiências e inquietações produzidas no diálogo com outras

culturas. Ainda de acordo com Hall, em contextos pós-coloniais e de crescimento das novas possibilidades de compreensão do mundo oferecidas pela globalização, a presença de asiáticos, africanos e latino-americanos nas universidades norte-americanas e europeias foi um dos fatores decisivos para o início da quebra de paradigmas nacionalistas eurocentrados, uma vez que tornou-se possível pensar as Ciências Humanas a partir de olhares até então considerados pouco ou nada relevantes.¹ Para Hall, o Estado nação tão celebrado em outras épocas não mais constitui uma estrutura conceitual útil e/ou definitiva para a compreensão das trocas culturais que se estabeleceram no espaço e no tempo, pois as sociedades são compostas não por um, mas por vários povos. Povos que, em contextos pós-coloniais, desejam ter suas vozes ouvidas, suas contribuições e percepções de mundo valorizadas e compreendidas.

A superação de paradigmas nacionalistas e eurocêntricos há algumas décadas proposta por Stuart Hall segue na direção do que propôs o antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot em *Silencing the past: power and production of history* (1995). Ao tomar a revolução promovida por escravos negros no Haiti (1791-1804) como objeto de estudo, Trouillot lançou seus argumentos em tom de denúncia: ao escrever a História, os europeus o fizeram a partir de valores, referências e conceitos *sui generis*. Quando pensaram as histórias dos outros, pensaram-nas em termos simplistas e hierárquicos. Ainda segundo Trouillot, fora deste centro, estariam a residir os subalternos, os sem importância, ou de importância secundária, uma vez que suas histórias não eram conduzidas por europeus ou ainda não haviam alcançado o nível elevado destes. Em outras palavras, protagonismos autóctones foram escamoteados pela força da pena de quem então pensava, escrevia e editava os livros de História, Literatura, Filosofia, Literatura etc. Os efeitos maléficos de tal silenciamento para o Haiti são fartamente conhecidos.

Ao lado de Stuart Hall e Michel-Rolph Trouillot, situamos os historiadores alemães Sebastian Conrad e Michael Borgolte. Nome de destaque da emergente *Global History*, Conrad foi taxativo ao afirmar que as respostas produzidas pelos historiadores dos séculos XIX e XX não são mais suficientes para atender as demandas das sociedades multiculturais do século XXI. Ainda segundo Conrad, a manutenção de uma história nacionalista acomodada em caixas já não faz sentido, sobretudo quando vozes outrora periféricas não mais desejam permanecer em silêncio. Desta maneira, pensar as relações e enredamentos entre o local e o global é superar

¹ Edward Said manifestou percepção semelhante: “É um fato universalmente reconhecido que enquanto as humanidades costumavam ser o estudo de textos clássicos instruído pelas culturas antigas grega, romana e hebraica, um público agora muito mais variado de origem verdadeiramente multicultural está exigindo e obtendo atenção para toda uma crosta de povos e culturas antes negligenciados e desconhecidos que têm invadido o espaço incontestado, outrora ocupado pelas culturas europeias” (2007, p. 66).

ultrapassadas relações dicotômicas como centro/periferia, interno/externo. Entre estes polos até há pouco opostos, distantes e desconectados, há diferentes níveis de aproximação e interação que não podem ser ignorados (CONRAD, 2018). Para Borgolte (2017), pensar a história de um milênio no qual diferentes mundos coexistiram é um dos veios de exploração que se abre aos historiadores na atualidade. E esses diferentes mundos formaram (e ainda formam) entidades geográficas habitadas por pessoas com diferentes culturas e experiências de vida, concomitantemente, entidades geográficas com heranças múltiplas e complexas. Em um mundo globalizado e interconectado como o que existe sob nossos pés, a História Global ganha destaque justamente por abordar as variadas relações históricas estabelecidas entre as pessoas, culturas e religiões, por exemplo. Ela não deve se limitar a propor comparações amarradas no interior de um esquema de História das Civilizações. Assim, a História Global e Conectada está a transformar a maneira como até então olhamos e analisamos o passado. Portanto, o surgimento de novos vizinhos exige cada vez mais a construção de um novo tipo de abordagem historiográfica. A bem da verdade, esses vizinhos estiveram ali durante a maior parte do tempo. Com efeito, abandonar a ilusão de uma uniformidade privilegiadamente europeia é trazer novos ares para nosso ofício, mas também é um ato político em prol da inclusão e da democracia (BORGOLTE, 2017). Como veremos nas páginas a seguir, um ato político que aproxima Michel Borgolte, assim como o aludido Sebastian Conrad, do cerne de nossa proposta.

Ao começar nossa exposição a partir do diálogo com tais Stuart Hall, Michel-Rolph Trouillot, Sebastian Conrad e Michael Borgolte, buscamos não apenas respaldo teórico para nossa proposta, mas também outros desafios que nos permitam novas posturas e possibilidades interpretativas. Como evidenciado, os quatro são críticos de uma História construída sobre alicerces nacionalistas majoritariamente ocidentais. Da mesma forma, opõem-se à manutenção de práticas historiográficas colonizadoras e colonizadas. Percorrer outros caminhos, descobrir velhas e novas rotas de acesso a diferentes formas de conhecimento são ações necessárias, na verdade, urgentes. Portanto, é fundamental pensar a História a partir de diferentes centros e urgente a reinserção da História nos debates públicos para combater revisionismos infundados, negacionismos cínicos, distorções e extremismos nutridos por ideologias tóxicas.

Imagem 1



No dia 15 de abril de 2015, um navio com mais de 700 refugiados naufraga na costa da Líbia quando iniciava sua tentativa de alcançar o litoral italiano (Imagem disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/refugiados-naufragam-na-costa-da-libia-19374742>> (Acesso em 13 de maio de 2019)

A imagem acima (**Imagem 1**) ilustra um evento trágico que foi analisado por Sarah Davis-Secord na introdução de seu livro *Where three worlds met: Sicily in the early medieval Mediterranean* (2017). Trata-se de um estudo detalhado sobre a história da Sicília no contexto do mar Mediterrâneo em tempos medievais, do século VI ao XIII. Situada ao sul da Península Itálica, a Sicília é uma ilha cuja longa história esteve conectada às culturas cristã, islâmica e bizantina e a três continentes, Europa, África e Ásia. Portanto, a presença de estrangeiros que um dia decidiram atravessar o grande mar para passar algum tempo ou se estabelecer de vez na ilha e além não é exatamente uma novidade. Na verdade, entre idas e vindas, encontros e partidas, a autora apenas estampou nas páginas iniciais de seu livro manifestações recentes de uma tradição de mais de dois mil anos motivada por razões econômicas, políticas, religiosas e culturais. Em cada um dos capítulos tomados por fontes históricas de variadas naturezas, a pesquisa de Davis-Secord dialoga com a aludida História Global. No lugar de um apego a questões locais e compartimentações nacionalistas, ela propõe romper barreiras e encontrar enredamentos entre diferentes mundos e seus variados impactos sobre o recorte espacial escolhido. O conjunto de análises construído pela autora segue no caminho contrário dos obtusos discursos políticos de líderes europeus da atualidade. Estes não veem com bons olhos a presença de estrangeiros em seus países, sobretudo quando são pessoas cujas origens se situam fora dos tradicionais limites geográficos da Europa.²

² Acrescenta-se que, segundo a autora: "O estudo do Mediterrâneo e suas sociedades, embora não seja novo, está aumentando o seu interesse entre pesquisadores do mundo pré-moderno. Em parte, esse fato se deve ao desejo de um mundo contemporâneo globalizado observar além das divisões políticas e examinar as fronteiras, os lugares

Ligado a uma extrema direita cada vez mais ativa nos mundos real e virtual e não raro avessa ao diálogo democrático, um desses políticos é o primeiro-ministro húngaro Viktor Orban (ALBRIGHT, 2018). Fartamente cevados pelo culto ao *choque de civilizações* um dia idealizado por Samuel Huntington (1927-2008) e pela certeza da longa existência de uma cultura ocidental homogênea no espaço e no tempo, os discursos nacionalistas inflamados de Orban fazem reavivar antigos debates em torno dos direitos humanos e questionam: os não-europeus deveriam ser incluídos nessa conta? (ARENDDT, 1976; HUNT, 2009; TODOROV, 2010). Os enredamentos, as trocas e as acomodações tão bem-vindos e procurados na abordagem global que nos inspira não os interessa, não os satisfaz, uma vez que para eles o passado não é e não será uma terra estrangeira com a presença de estrangeiros. Não obstante, na contramão de tais certezas provincianas erguidas sobre a autoverdade, a pós-verdade e a barbárie interior disseminadas por destacados líderes políticos e seus numerosos seguidores-discípulos, a Europa não existe por si só e ela é historicamente marcada pela presença de levas migratórias que vez ou outra tornam-se mais intensas. Os exemplos dessa diversidade com profundo embasamento histórico são muitos e precisam ser expostos para além do universo acadêmico. A Sicília plural tão bem apresentada por Davis-Secord está entre eles, assim como a Atenas negra e igualmente plural de Martin Bernal (1993).

Ao fim e ao cabo, procura-se discutir no presente artigo três perguntas básicas cujas possíveis respostas se complementam: diante dos referenciais integristas que manipulam ou simplesmente negam um passado múltiplo, como os medievalistas que se valem das ferramentas da História Global podem contribuir nos debates públicos sobre temas tão relevantes para a política nacional e internacional? O que a História Medieval em diálogo com o global tem a ensinar aos devotos de discursos nacionalistas? Por fim, por que novamente o medievalismo ressurgiu nas vozes e nos atos de extremistas distópicos mundo afora? Primeiro, trabalharemos com exemplos advindos de quem pensou (e ainda pensa) em um medievalismo militar e guerreiro, fechado, compartimentado e ao mesmo tempo defensor e conquistador; na sequência, os exemplos serão de um medievalismo idílico, um mundo cuja sabedoria um dia se perdeu sufocada pelo racionalismo imposto pela modernidade. Para cada um desses questionamentos, a proposta de Sebastian Conrad exposta na epígrafe inicial deste texto será o nosso principal fio condutor, não apenas um aporte analítico, mas uma orientação ética, política e social: “[...] História Global é também uma resposta a desafios sociais e à demanda por uma

de mistura e interação que nos ajudam a entender as relações interculturais que importam para nós” (DAVIS-SECORD, 2017, p. 28).

perspectiva nacional do passado mais inclusiva e menos restrita” (CONRAD, 2016, p. 2). Portanto, entre tantas possibilidades, a compreensão da abordagem global como um enfrentamento em relação aos que usam o passado é urgente, assim como entender que, em contextos de crises prolongadas, os extremismos ressurgem com o desejo de dividir e reordenar a História à sua imagem e semelhança (STANLEY, 2019), entrelaçando fragmentos de temporalidades diversas com o objetivo basilar de pavimentar o avanço de um mundo novo que confia encontrar segurança e legitimidade em tempos passados (DOSSE, 2013).

*

[...] a Idade Média é algo fundamentalmente atual. Na verdade, ela nunca deixou de sê-lo. Entender as diversas noções de Idade Média nos permitem conhecer mais as sociedades que as elaboram do que as sociedades sobre as quais essas noções se projetam. (SILVA, 2019, p. 155).

A Idade Média tem má reputação. Com essa frase, Jérôme Baschet abriu *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América* (2006). Utilizado como material de apoio e consulta pela maioria dos medievalistas brasileiros, o manual de Baschet tem como ponto de partida as velhas assertivas cunhadas por latinistas e iluministas para evidenciar os infortúnios da expressão em debate, assim como seus derivados. Mas por que a Idade Média é tão pilhada? Certamente, os cinco séculos de críticas infundadas ajudam explicar a questão. O desconhecimento por parte do grande público acerca dos avanços historiográficos do século XX também permite a delimitação de uma resposta. Nosso intento é avançar nessa contenda e demonstrar o quanto o termo medieval (e todos os outros a ele conectados) permanece maleável no imaginário coletivo. Maleável a ponto de ainda hoje se adaptar a tudo que é negativo e contrário aos supostos valores ocidentais (HOLSINGER, 2007), mas também a tudo que é considerado positivo quando traz implícita a proposta de se exaltar as identidades nacionais europeias construídas com base em longevas tradições que remontam à própria Idade Média (GEARY, 2005; SERGI, 2005). De forma concomitante, entender o que envolve os usos de resquícios do passado medieval e suas reinterpretações torna-se vital para a compreensão dessa maleabilidade conceitual que vai da esquerda à direita no espectro político (D’ARCENS, 2016), sobretudo em tempos de redes sociais³, uma vez que estas fizeram (fazem e farão) crescer

³ Compreende-se que as redes sociais são uma realidade em nossas vidas. Do trabalho ao pessoal, do coletivo ao individual, quase tudo passa por elas e/ou nelas é exibido. Seu alcance parece não reconhecer limites. Se há pouco tempo a academia afastava-se desse admirável mundo novo, hoje essas redes estão entre os seus principais pontos de pauta. E a capacidade de disseminação de informações que elas possuem impressiona e supera o alcance que

exponencialmente a possibilidade de um fato alternativo se tornar uma poderosa verdade apenas por ser “curtida”, compartilhada e comentada por milhões de usuários (ELLIOTT, 2017).

O apego a um passado nostálgico que ascende em oposição aos estudos de História Global com sua procura por enredamentos e olhar para além do local também significa uma reação dos detentores de poderes há tempos arraigados e que não desejam renunciar sua condição (SILVEIRA, s/d.). Ao assumir o arcaísmo como projeto majoritário (talvez único), essas castas enxergam em seus líderes a personificação do antigo *pater familias*, o viril senhor do destino e proteção de tudo e de todos debaixo de suas asas. Como tal, desejam reestabelecer a ordem e reconduzir os seus a um ambiente de paz e segurança outrora perdido e contaminado pela presença de estrangeiros com suas ideias e comportamentos considerados indesejados. O ressurgimento de um novo sentimento nacionalista, que reforça a associação entre Europa e Ocidente e ambos sustentados pelos pilares da filosofia grega, do direito romano e cultura judaico cristã, é indício da atualidade dos usos do passado por discursos conservadores.

Imagem 2



Imagem disponível em <<https://www.thenationalherald.com/235490/new-zealand-killers-weapon-had-tourkofagos-and-hagia-sophia-will-be-liberated-written-on-it/>> (Acesso em 12 de junho de 2019)

No dia 15 de março de 2019, na cidade de Christchurch, Nova Zelândia, um cidadão comum então se preparava para sair de casa. Com tudo pronto, ele ligou uma câmera de vídeo

podemos obter com a publicação de um livro, tese, dissertação, ensaio, resenha ou artigo. Neste ponto, considera-se que existe um nivelamento por baixo entre uma argumentação sólida e com amplo lastro de pesquisa e uma mera opinião. Infelizmente, esta pode se sobrepor aquela pela simples quantidade de *likes* e compartilhamentos (e sabemos que estes podem ser comprados por um punhado de moedas). Neste sentido, os que têm condições de usar melhor as ferramentas disponibilizadas por este universo levam imensa vantagem nos "debates" (ou seria mais apropriado escrever “empilhamento de comentários?”), uma vez que não precisam comprovar suas informações, muito menos submetê-las ao crivo de outros pesquisadores (D’ANCONA, 2018).

presa sobre a cabeça e deu partida em seu veículo. Deveria ser mais um dia normal de trabalho... não foi. Ao vivo pelas redes sociais, o então desconhecido Brenton Tarrant escreveu com sangue uma das páginas mais tristes da história daquele país. Fortemente armado e com trajes militares, Tarrant passou por mesquitas islâmicas e disparou contra quem atravessou seu caminho. O saldo do massacre que rapidamente tomou conta dos noticiários mundo afora: quarenta e nove mortos, dezenas de feridos e um país em estado de choque. Das imagens do massacre, uma em particular logo chamou a atenção dos historiadores: nos rifles automáticos e tambores de munição utilizados por Brenton Tarrant, havia diversas anotações improvisadas feitas com tinta branca (**Imagem 2**). Entre elas, os dizeres: Tours 732, Acre 1189, Vienna 1683 e Lepanto 1571. Para cada um dos lugares destacados, um ano específico. Na ótica do agressor, essas referências correspondiam a batalhas que tiveram o condão de colocar frente a frente cristãos e muçulmanos, Ocidente e Oriente. Em todas elas, sempre na interpretação exagerada de Tarrant, o mundo ocidental conseguiu heroicamente se livrar da ameaça da barbárie islâmica que escravizou europeus ao longo da história.⁴

Nas diversas narrativas produzidas pelos adeptos de uma islamofobia xenófoba e racista, estas batalhas traziam em si uma razão de ser basicamente religiosa (ANDERSON, 2008). E tudo indica que quem assim pensa não apenas dispõe de maneira forçada religiões diferentes sobre o tabuleiro de guerra, mas demonstra uma visão de mundo obtusa e pautada pela divisão Ocidente *versus* Oriente. De um lado, orgulho e razão, liberdade e democracia; do outro, barbárie e ódio, integrismo fanático. Ao se valer de tais referências, Tarrant transformou em ação bruta uma abordagem simplista do passado para justificar sua visão supremacista no presente: como um líder a proteger os membros de sua comunidade imaginada, atirou sem dó nem piedade. Ele não sentiu a necessidade de perguntar primeiro, pois já tinha em sua cabeça as respostas que lhe satisfaziam. As respostas que sua visceral autoverdade lhe permitiu construir. Outra questão que merece ser destacada é a semelhança deste terrível caso com os assassinatos em massa na cidade de Oslo, capital da Noruega, e na ilha de Utøya, também naquele país, alguns anos antes, mais especificamente em 22 de julho de 2011. Depois de matar a tiros setenta e sete pessoas e ferir outras trezentas, o supremacista norueguês Anders Behring Breivik foi rendido e preso pela polícia local. Nos meses seguintes, as investigações concluíram se tratar de um homem totalmente perturbado e incapaz de conviver com as diferenças e

⁴ *Em manifesto, atirador da Nova Zelândia defende a supremacia branca*. Texto disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/em-manifesto-atirador-da-nova-zelandia-defende-a-supremacia-branca/?fbclid=IwAR34-G0d2gQrGErK_UpB-o9vRSaetpHo7Z6q6032klTumILjt5GzsDAsu8Y>. Acesso em 07 de maio de 2019.

aprender com as próprias frustrações. Em uma espécie de manifesto cheio de ideias desconexas publicado pouco antes de seu ato, chama a atenção seu incontido desejo por restabelecer a "integralidade ocidental". Para isso, Breivik usou de extrema violência (ELLIOTT, 2017), tal como os antigos cavaleiros medievais teriam utilizado contra aqueles que um dia puseram a Cristandade e o Ocidente em perigo. Uma vez mais, nos vem à mente a certeza acerca de quão nocivos podem ser os que usam o passado para dividir, para afastar, para matar. Alguns dias depois dos eventos ocorridos na Nova Zelândia, no Brasil, na cidade de Suzano, na grande São Paulo, dois jovens adentram uma escola pública durante o intervalo das aulas do turno da manhã. Seria mais um dia normal de trabalho, mas a presença inesperada de ambos mudou para sempre a história do lugar. Armados com revólveres e armas brancas, começaram a atacar quem encontravam pelo caminho. Dez foi o número de mortos – cifra que inclui os próprios agressores que se mataram pouco antes da chegada da polícia ao local do massacre. Rapidamente, as notícias começaram a ser veiculadas nos canais de TV e na *Internet*. O emprego de armamentos ditos da Idade Média, tais como flechas e machados, foi fartamente destacado pelos jornalistas que então cobriam o ocorrido.

Nos três casos separados por milhares de quilômetros de distância, um ponto em comum: referências ao passado medieval. Nos dois primeiros, este passado emergiu como um mundo perfeito, ordenado, que se perdeu ou foi exposto ao perigo em função da presença de indesejados invasores estrangeiros; no outro, toda carga negativa atribuída ao medievo durante séculos despontou na associação apressada entre o ato violento e as armas utilizadas. Nos três, a violência, as mortes, a guerra e os armamentos foram logo associados à Idade Média, como se esta fosse de fato um período monolítico tomado por guerreiros a cruzar o mundo em busca de demonstrações de força e bravura. Mais do que uma constatação histórica, tais afirmações revelam nuances de um imaginário social há muito tempo radicado nesta e em outras gerações cujo objetivo é separar, mais do que isso, hierarquizar.⁵ Imaginário que volta a nos fazer pensar na importância do que os supracitados Michael Borgolte e Sebastian Conrad estão a nos ensinar quando destacam a importância dos estudos de História Global.

No senso comum, a Antiguidade costuma ressurgir a partir da arquitetura, da filosofia, da retórica, do teatro e da poesia. Ou seja, uma via de cariz humanista a conduz. Por sua vez, a

⁵ Nesse cenário, convém destacar os apontamentos de Lynch: “No contexto de busca pelo orgulho e origens nacionais, referências a guerreiros medievais normalmente foram profundamente positivas. Virtualmente, todo país europeu celebrou as lendas de guerreiros medievais, de Brian Boru (941-1024), na Irlanda, a Alexandre Nevsky (1220-1263) na Rússia, idolatrado por Sergei Eisenstein em um filme de 1938 que é uma moderna *chanson de geste* e um elogio à liderança de Stalin representado como ‘amor duro’ para o povo. O ‘Terceiro Reich’ nazista considerava o Sacro Império Romano de Otto I (912-973) como o ‘Primeiro Reich’” (LYNCH, 2016, p. 140).

Idade Média não raramente se faz presente na contemporaneidade a partir dos cavaleiros, dos castelos e fortalezas, das armas e armaduras, das cruzadas, das batalhas e torneios (LYNCH, 2016). Infelizmente, tais referenciais ajudam a dar campo aos que intentam encontrar razões para atitudes extremas de divisão, agressão e morte. Referenciais que trazem tatuadas as cores de crenças cultivadas pela historiografia, pela arte e pela literatura nacionalistas dos séculos XIX e XX que tantas vezes enxergavam apenas adversários a serem abatidos nos limites de suas fronteiras. Numa época em que as bandeiras da tolerância, da diversidade e das trocas culturais são desfraldadas no meio acadêmico, essa outra Idade Média volta a ganhar as praças públicas como fundamentação para atos de xenofobia e discursos de teor discriminatório, racista e belicoso. A retórica que se apropria de todos esses elementos para revigorar a supracitada teoria do choque de civilizações é um *tópos* nos debates públicos recentes e divide o mundo dito Ocidental entre o passado medieval que o aterroriza e a modernidade civilizada que busca manter sã e salva (ELLIOTT, 2017; HOLSINGER, 2007).

Entre os diversos exemplos possíveis dados pelas duas primeiras décadas do século XXI, estão a cruzada contra o terror liderada pelo ex-presidente norte-americano, George W. Bush; as representações do atual presidente norte-americano, Donald Trump, como um destemido cavaleiro a defender sua nação contra os ataques de seus inimigos externos; e o crescimento da *English Defense League*, grupo com milhares de seguidores reais e virtuais que utiliza e recria imagens e histórias de antigos cavaleiros medievais que um dia pelearam em defesa da Inglaterra e da Cristandade. Contudo, essas histórias que se mostram tão atuais possuem genealogias profundas que atravessaram todo o século XX, do leste europeu até a América. Lidas a contrapelo, essas histórias se conectam ao nosso argumento central e nos permitem compreender o viés político e os aludidos desafios políticos da História Global.

Imagem 3



Imagem disponível em <<https://makinghistorymatter.ca/2013/04/02/art-of-war/#prettyPhoto/1/>>
(Acesso em 02 de junho de 2019)

Começamos então com uma fonte produzida pelos nazistas, pois eles também se apropriaram de referências relacionadas ao medievo para definir uma linguagem estética própria que aglutinou multidões supostamente iguais em torno de uma mesma causa. Com efeito, contra os inimigos que levaram a Alemanha à derrocada e a expunham a constantes ameaças, nada melhor que a força das espadas empunhadas por mãos jovens, firmes e destemidas a defender a nação. A musculatura ideológica do mito nazista assim se desenvolveu. Em contextos de ânimos acirrados e confrontos armados, tal estética auferiu ainda mais significado e presença, uma vez que à época de sua criação e disseminação existia a necessidade de mobilizar grandes parcelas da população para o pleno funcionamento de uma máquina de guerra que começava a se movimentar. De acordo com Jeanette Schramm (2019), figuras de santos, cavaleiros e animais fantásticos, entre outras, foram associadas nos mesmos cenários propagandísticos. Um dos numerosos resultados dessa miscelânea imagética pode ser observado em um cartaz confeccionado por volta de 1932 a pedido de representantes do partido nazista então em plena ascensão (**Imagem 3**). Em primeiro plano à esquerda, observamos uma hidra de três cabeças, de corpo todo vermelho, e um soldado de traços joviais à direita a portar as insígnias nazistas (no cinto e na bandeira que ele carrega sobre os ombros). Atrás do jovem, que pode ser identificado como membro dos Camisas Pardas (*Sturmabteilungen*) – milícia criada em 1921 com o objetivo de proteger os integrantes do partido e intimidar seus

adversários, tanto física quanto verbalmente –, podemos ver a silhueta bem definida de um cavaleiro (Teutônico?) que com uma espada na mão direita ataca a criatura. Com o braço esquerdo, ele envolve o rapaz, o que sugere que ambos defendem harmoniosamente as mesmas causas. A cor branca do cavaleiro sobre fundo azul claro chapado o destaca na cena e o transforma em uma espécie de espírito protetor que interfere no plano material quando chamado. Como complemento, ele traz uma cruz que adorna o peito, o que indica sua condição cristã para quem observa a imagem, assim como a auréola disposta sobre a sua cabeça. Já no segundo plano da cena, é possível observar as construções de uma cidade e campos cultivados um pouco mais adiante. O urbano e o rural dispostos lado a lado. Certamente, o jovem soldado e o cavaleiro estavam a representar uma última barreira protetora contra o avanço da hidra e a anticivilização que ela arrastava consigo. Anticivilização estampada no corpo disforme da criatura com o uso das siglas do Partido Comunista da Alemanha [*Kommunistische Partei Deutschlands* (KPD)], do Partido Social Democrata da Alemanha [*Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD)], da Aliança dos Combatentes da Frente Vermelha [*Roter Frontkämpferbund* (RF)] e da estrela de Davi – uma alusão explícita aos judeus e ao crescente antissemitismo alemão. Os apelos emotivos dispostos neste cartaz e suas referências religiosas e nacionalistas foram mensagens que construíram uma linguagem própria facilmente assimilada pelo público ao qual se destinava (JOLY, 1997). Provavelmente, outros jovens como aquele que ali foi desenhado. Como pode ser observado, em torno das tantas certezas acerca da existência de guerreiros abnegados que souberam envergar o tempo e que continuaram ininterruptamente a resistir, proteger e conquistar, brotaram toda sorte de simplificações cujo objetivo maior era atender os anseios nacionalistas dos que confiavam estar a defender a pureza de seu povo, de sua raça, de seu território. Essa identidade hermética de origens unilineares teria sido forjada nos anos de luta contra raivosos inimigos imaginados. Na verdade, inimigos que eram pessoas de carne e osso e que quase sempre estiveram ali no convívio diário a compartilhar a vida comum por razões variadas. Porém, estes se tornaram ameaças em períodos de crise e instabilidade política, social e econômica.

Imagem 4



Imagem disponível em <<https://www.prlib.ru/en/node/341933>>. Acesso em 06 de junho de 2019.

O cartaz acima (**Imagem 4**) é de origem russa e foi confeccionado em 1942, ou seja, quando a II Guerra Mundial (1939-1945) começava a entrar em sua fase decisiva. Como na imagem anterior, essa também pode ser dividida em duas partes, no caso, alto e baixo. Acima, em tons providencialmente embranquecidos, encontra-se uma representação do Duque Alexandre Nevski (1221-1263) a liderar soldados contra os invasores germânicos. Uma das proezas militares mais reverenciadas de Alexandre aconteceu setecentos anos antes, em 1242: a famosa Batalha do Lago Peipus (também conhecida como a Batalha do Gelo) – localizado ao norte da Europa, na atual fronteira entre a Rússia e a Estônia. Nesta batalha, os cavaleiros teutônicos originários da Alemanha foram derrotados e expulsos do território russo. Tal proeza repercutiu através dos séculos e transformou o Duque Alexandre Nevski em um herói para o seu povo. Já na parte de baixo da imagem, a cavalo e com as espadas erguidas, como o próprio Alexandre que os inspirava, soldados russos estavam a repetir os mesmos movimentos de ataque no enfrentamento contra os invasores alemães. Na primeira pessoa do plural e em letras garrafais, a frase abaixo do cartaz escrita em russo [“Quem entra na espada conosco, perecerá pela espada! (Alexander Nevski)”] funciona como um clamor assinado pelo próprio Alexandre. Essas palavras de exortação atribuídas ao herói dão o toque final ao sentido de entrega coletiva

desejado por quem concebeu a fonte em análise. As datas 1242 e 1942 escritas à esquerda no alto do cartaz em chamativas letras vermelhas são uma outra explícita referência à conexão entre o ocorrido no medievo e os enfrentamentos entre russos e alemães na contemporaneidade. Uma vez mais, as nuances e a amplitude do tempo foram providencialmente ignoradas. Ao ser convocado para tomar o seu posto no cenário de guerra, o passado novamente ganhou o presente e ambos se transformaram em um corpo único. Sem dúvida, a presença de soldados a reproduzir os mesmos gestos de Alexandre Nevski intentava estabelecer uma proximidade com as vitórias épicas de séculos anteriores na esperança de convencer as pessoas de que uma causa maior estava a se apresentar uma vez mais diante delas. Por conseguinte, e de forma coletiva, deveriam aderir a esta como um dia fez um dos grandes nomes da história daquele país. As proporções maiores nas quais Alexandre foi representado indicam uma factível alusão à grandeza territorial da então URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Nas entrelinhas, outra possível mensagem: um gigante jamais se curvaria aos inimigos, não sem antes lutar.

Imagem 5

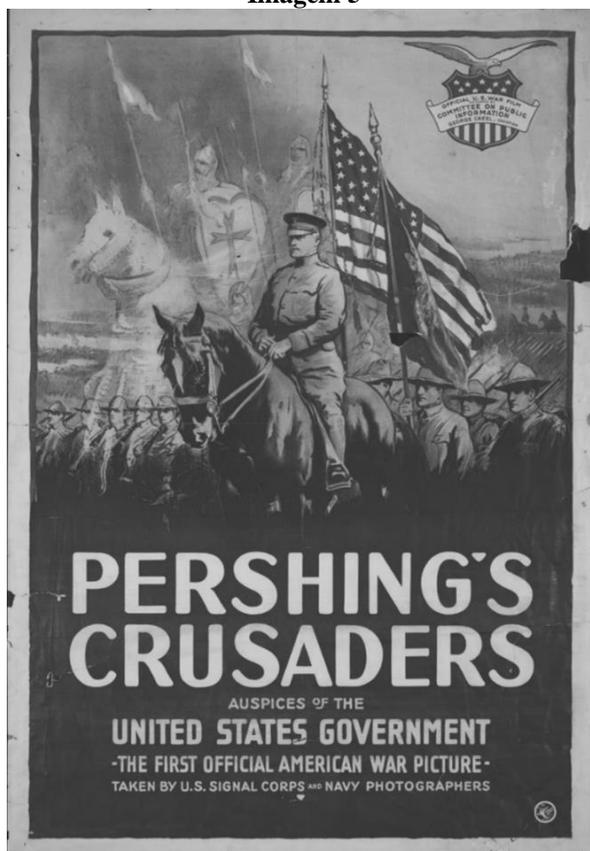


Imagem disponível em <<https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc377/m1/1/>> (Acesso em 29 de junho de 2019)

Hoje parte do acervo do *World War Poster Collection* (Coleção de Cartazes da Guerra Mundial) do Exército Norte-americano, o cartaz acima (**Imagem 5**) foi originalmente confeccionado para a promoção de um longa-metragem ainda em preto e branco cuja intenção central era estimular a adesão popular e o recrutamento de soldados na I Guerra Mundial (1914-1918). O sobrenome Pershing do título *Pershing's crusaders* (Cruzados de Pershing) é uma menção a John J. Pershing (1860-1948), general que conduziu de 1917 a 1918 a força expedicionária dos Estados Unidos durante o conflito em território europeu. Na imagem, ele segue a cavalo no centro e em proporções maiores que os seus comandados. Também como nos cartazes anteriores, seus gestos firmes e olhar sóbrio são iguais aos cavaleiros que marcham ao fundo da imagem. O tom esbranquiçado utilizado para representá-los indica que pertenciam a um outro plano, mas eram aliados da causa liderada pelo general. Com bandeiras e flâmulas ao vento, os soldados e os cavaleiros iam na mesma direção. Neste caso, anteriores aos exemplos russo e alemão analisados, foram os norte-americanos que se serviram do passado medieval, e dos cavaleiros templários em específico, para fazer valer sua retórica político-belicista. Novamente, as nuances do tempo e do espaço foram ignoradas em benefício da construção de uma narrativa de iguais que se conectam em função de defenderam as mesmas causas. Assim, como se estivessem a dar continuidade à antiga ordem fundada no início do século XII por Hugo de Payens (1070-1136), as tropas americanas tinham uma missão a cumprir durante a guerra: reconquistar o oriente ameaçado – ainda que neste contexto o oriente estivesse bem mais próximo do que aquele um dia percorrido pelos templários. Neste caso, ao que tudo indica, a precisão histórica tornou-se um dado secundário, quando não totalmente descartável, uma vez que objetivo-mor era convencer a qualquer custo. Com nacos fartos de imaginação, as lacunas deixadas pelas imprecisões eram assim preenchidas (EHRENREICH, 2000). Além disso, ao buscar mais alguns elementos para nossa interpretação, podemos trabalhar com a possibilidade de que a conquista do oeste, tão presente nas histórias acerca da expansão territorial norte-americana dos séculos XVIII e XIX, estava imiscuída no imaginário de quem produziu o cartaz em questão. Por conseguinte, a expectativa de impor um ar familiar à nova conquista, desta vez do outro lado do Atlântico Norte, não pode ser excluída de nosso quadro interpretativo.

Embora pensadas e elaboradas por pessoas diferentes e em contextos diferentes, as três últimas imagens dispostas nas páginas anteriores trazem algumas convergências interessantes. A primeira delas é o verniz religioso: em proporções maiores, os cavaleiros do passado foram pintados como entidades sobrenaturais que parecem invocadas para conduzir ou apoiar seus herdeiros diretos para a vitória e/ou a manutenção de conquistas frente aos que as ameaçavam.

A posição superior e as proporções exageradas desses cavaleiros nas três imagens sugerem que eles vieram do alto, de uma dimensão elevada. Nitidamente, uma maneira de expressar que eles de fato seriam seres superiores a descer sobre a Terra guiados por motivos extraordinários. Neste sentido, o referido verniz religioso ganha o brilho da emoção e do sacrifício que sem dúvida ampliaram o poder de convencimento de tais imagens nas épocas nas quais foram concebidas e expostas ao público.⁶ Se os contextos que as permitiram existir eram distintos, podemos igualmente conjecturar que as representações artísticas dadas a situações específicas são surpreendentemente similares: para convocar a população para a guerra e dar ânimo às tropas, nada melhor que lhes nutrir com o êxtase das histórias dos que pegaram em armas muito tempo antes e se saíram vitoriosos (EHRENREICH, 2000). Não os acompanhar seria considerado um ato de traição e covardia, um desrespeito aos heróis que lutaram pela pátria e que permitiram que essa continuasse a existir com uma identidade própria.⁷

Essas referências ao passado medieval alteradas e transformadas para atender as demandas de contextos posteriores indicam que a intenção de quem produziu esses pôsteres também era dar legitimidade às causas então dispostas sobre a mesa. Legitimidade obtida através da conexão linear com um passado homogêneo, mítico e grandioso no qual homens e mulheres entregavam suas vidas em prol de uma causa maior que transformava qualquer crítica ou gesto individual em atitudes egoístas contrárias aos desígnios da nação. Assim, uma legitimidade obtida pela emoção de se estar em consonância com eventos decisivos do passado que se aproximam do presente sem levar em consideração especificidades contextuais, como se o tempo simplesmente deixasse de existir aos olhos de quem pensava desta maneira.⁸ Nos três exemplos analisados, é importante frisar, o ontem e o hoje foram convertidos em um todo

⁶ Neste ponto, concordamos com Yuval Noah Harari, para quem: “De todos os rituais, o sacrifício é o mais potente, porque de todas as coisas do mundo, o sofrimento é o mais real. Você nunca consegue ignorá-lo ou duvidar dele. Se você quer fazer com que as pessoas realmente acreditem em alguma ficção, seduza-as a fazer um sacrifício por ela. Se você sofrer por uma história, normalmente isso é suficiente para convencê-lo de que a história é real” (HARARI, 2018, p. 351).

⁷ “[Há alguns séculos] Medievalizar as guerras têm sido uma maneira de reivindicar para elas formas de heroísmo secular e espiritual. Isso ajuda a transmutar o respeito pela coragem e sofrimento dos soldados homens (mais raramente mulheres ou civis) para um sentido de que a participação na guerra é um dever sagrado que consola o luto por simbolicamente elevar os mortos para um plano simbólico mais elevado” (LYNCH, 2016, p. 144).

⁸ Uma análise muito precisa sobre o uso da emoção pelos propagandistas nazistas foi dada por Philippe Lacoue-Labarthe e Jena-Luc Nancy: “[...] como todo totalitarismo, o nazismo reivindica uma ciência, ou seja, mediante a totalização e a politização do Todo, a ciência; mas nós o dizemos antes de mais nada porque se decerto não devemos esquecer que **um dos componentes do fascismo é a emoção, da massa, coletiva (e essa emoção não é apenas a emoção política: ela é, ao menos até um certo ponto, na emoção política a emoção revolucionária)**, não devemos tampouco esquecer que a mencionada emoção conjuga-se sempre a *conceitos* (e esses conceitos podem muito bem ser, no caso do nazismo, ‘conceitos reacionários’, não perdendo assim nada do seu caráter de conceito)” (2002, p. 26) (Grifos nossos).

absolutamente igual guiado por questões emotivas e religiosas sob o manto gregário do nacionalismo, razões bem maiores que os indivíduos que de fato pegaram em armas e tomaram o rumo dos campos de sangue. Para estes, assim como Brenton Tarrant e Anders Behring Breivik, o outro fora dos círculos de suas comunidades era o inimigo a ser abatido, jamais compreendido. Ademais, nas imagens os denominados representantes do bem e da civilização se conectam. Apesar de ocuparem planos distintos nas cenas, há uma nítida harmonia espelhada que os transforma em uma coisa só, membros de uma mesma estirpe guerreira, uma entidade única cimentada, uma comunidade cujos laços foram amarrados pelos ideais supostamente nobres que estavam a defender. Nos cartazes russo e alemão, essa entidade harmoniosa tem sua identidade reforçada pela imagem disforme e desumanizada do inimigo a ser derrotado. No cartaz americano, esse jogo de identidades opostas não é tão transparente, uma vez que o inimigo não está presente. Porém, o movimento das tropas indica que ele virá para o enfrentamento e a marcha lenta e ritmada dos soldados serve de preparação para o confronto. Se não havia o corpo deformado e assustador do inimigo, o olhar reto e a postura sóbria do general John J. Pershing sobre o seu cavalo a seguir sob as bênçãos e a companhia dos cavaleiros templários sugerem a importância do momento ilustrado para os rumos de uma nação que se preparava para a guerra que a tornaria definitivamente grande aos olhos do mundo.

Por último, mas não menos importante: a velada linguagem estética religiosa disposta nos três cartazes e materializada nas cruzes, na auréola e na imagem de um guerreiro canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa em meados do século XVI também permite afirmar que os autores anônimos por trás das fontes analisadas desejavam replicar a certeza de que uma espécie de guerra santa estava em curso ou a caminho, o que certamente impôs tonalidades ainda mais vivas ao sentimento nacionalista que intentavam despertar nas populações locais e em quem de fato pegaria em armas para lutar (EHRENREICH, 2000). Tal tipo de simplificação dá grande ênfase a momentos curtos e episódios pontuais de conflitos e guerras, ao passo que ignora períodos extensos de estabilidade e trocas culturais acomodadas em uma miríade de atividades e econômicas, políticas e sociais de longa duração e extensão. O exemplo dado pelo citado livro de Davis-Secord é apenas um entre milhares de outros possíveis. Mesmo a história dos muitos renascimentos ao longo dos séculos, é uma história que deve ser contada a partir de trocas cuja compreensão supera crises sazonais e vão para muito além de recortes temporais específicos e dos limites políticos e geográficos da Europa em seus formatos mais recentes.

O que podemos aprender com os mestres e discípulos da Idade Média e com o imenso legado pedagógico que deixaram? Se aprender com os mestres medievais possibilita uma valiosa oportunidade de abertura existencial através do diálogo com o passado e do contato com novas experiências humanas no espaço e no tempo, esta não pode ser transformada em um artefato ideológico a ser manipulado com o objetivo único e exclusivo de se construir uma resposta definitiva, na verdade, uma alternativa radical a um suposto ensino doutrinador que há décadas se faz presente em nossas escolas e universidades, públicas ou privadas. Outra faceta desse intrincado processo está na maneira como grupos conservadores, em especial no Brasil, voltaram a se apropriar de elementos e símbolos diversos da cultura medieval para se dizer restauradora e/ou defensora de tradições há tempos perdidas ou simplesmente contaminadas por excessos definidos como libertinos (PACHÁ, 2019). Sustentar tais usos indevidos do passado que não se comprovam a partir de bons argumentos que tenham como referência a análise criteriosa da documentação de época e o conhecimento historiográfico é negligenciar as razões econômicas, históricas e sociológicas que estão por trás do colapso de uma parte considerável de nosso sistema educacional: docentes sobremaneira atarefados e mal remunerados; inexistência de estruturas físicas adequadas; salas de aula lotadas; mal uso de verbas públicas; famílias desestruturadas e desconectadas do espaço escolar, sejam elas pobres ou abastadas; inexistência de uma cultura escolar longeva; discentes emocionalmente instáveis... Em outras palavras: o passado serve para ensinar e nos permitir a capacidade de pensar criticamente e construir futuros alternativos, não para ser empregado como um artefato carregado com ódio e desconhecimento político a ser atirado contra professores expostos cada vez mais a perseguições e denunciamentos (PENNA, 2018). Com efeito, depois de ser rotulada de "idade das trevas" ao longo de vários séculos e de ser transformada no tempo de origem dos grandes mitos nacionalistas europeus, a Idade Média atualmente emerge no espaço público com as gradações idílicas dos discursos reacionários daqueles que se autoproclamam moralmente superiores e portadores de verdades definitivas na tentativa de construir uma nova era. Nenhuma concessão às trocas e enredamentos culturais que hoje saudavelmente povoam os debates acadêmicos dentro e fora do Brasil na esperança de pôr de vez ao chão enferrujados paradigmas eurocêntricos e metodologias nacionalistas.

Se em tempos de crise e instabilidade os guerreiros medievais ressurgiram nas mentes de nacionalistas apegados ao patriarcalismo, o mesmo pode ser observado a partir das afirmações de reacionários que, depois de um dilatado período de hibernação, despertaram e trabalham desde então para que o tempo recue às suas origens ditas primitivas, para quando

tudo era puro e perfeito (HARARI, 2018). Cheios de verdades, eles inclinam os olhos para um passado ao qual atribuem feições mitológicas na esperança de que as sociedades que não mais creem nas utopias racionalistas de outrora recuperem a confiança e retomem o rumo certo em seu caminhar sob as asas afáveis da Igreja e de seus representantes diletos. Para muitos destes, tão ou mais impositivos que os revolucionários de períodos mais recentes, a mensagem dos homens da Igreja em sua pureza medieval deve ser resgatada como ensinamentos imperecíveis cuja eficácia já foi devidamente comprovada em situações semelhantes no passado (LILLA, 2018). Portanto, em um contexto de enraizamento cada vez mais profundo da barbárie interior, é sempre bom frisar: olhar para o passado nos exige uma permanente vontade de aprender, jamais esta deve ser subjugada pela obsessão de se pintar com os tons cinzas do reducionismo um outro conveniente a ser destruído, como um dia bem definiu Peter Gay. E mais: usá-lo de maneira seletiva e como um mero contraponto, ou um manancial de conceitos maleáveis, além de um lamentável desvio de foco, transforma o medieval, e por conseguinte a pedagogia que nele existiu, em um paraíso perdido ao qual se deseja retornar sem levar em consideração as contradições que se fazem presentes em qualquer período histórico, inclusive no nosso. Isso sim é ideologia, e das mais tóxicas. Não a questionar, não a expor à luz do conhecimento histórico é aceitar que os incautos continuem a queimar livros e matar pessoas mundo afora.

Considerações Finais

A epígrafe que emoldura a última seção deste artigo foi extraída do manual *História Medieval*, de Marcelo Cândido da Silva, recém-publicado pela editora Contexto, que traz chaves de leitura que abrem portas que não podem ser ignoradas pelos historiadores, medievalistas ou não. Eis uma outra: “[As] diversas noções de Idade Média nos permitem conhecer mais as sociedades que as elaboram do que as sociedades sobre as quais essas noções se projetam” (SILVA, 2019, p. 155). Entre diversos exemplos possíveis acerca dessas noções, os testemunhos recentes e os mais afastados no tempo que trouxemos a proscênio nas páginas precedentes dizem muito a respeito das sociedades que os produziram. Com efeito, as referências ao medieval delimitadas caminham em duas direções que se complementam: a primeira versa sobre o que tais narrativas disseram sobre os universos que as permitiram existir; a segunda versa sobre como esse passado foi produzido, por vezes, à revelia do conhecimento histórico. Em conjunto, tudo isso nos permite reafirmar que, em momentos de crise, de profundas transformações sociais, do encontro mais intenso com o outro considerado absolutamente desconhecido, o apego a identidades forjadas no calor do nacionalismo com

marcas religiosas faz crescer a crença em um passado nostálgico no qual tudo parecia ser melhor, estável e seguro. Para os que creem nessa possibilidade, lutar como seus heróis torna-se muitas vezes a única saída para superar esses períodos que entendem como incertos. Se a estabilidade econômica, política e social vivida pela Europa e Estados Unidos na maior parte da segunda metade do século XX deu a impressão de que esses mitos ficaram enterrados no passado, as instabilidades apresentadas pelas duas primeiras décadas do atual século exigem que alguns passos cautelosos sejam dados para trás.

O desafio é imenso para aqueles que desejam vestir as armaduras do conhecimento e se lançar no combate contra os extremismos que nutrem dia a dia o fascismo. Pensar não em uma história da Europa, mas em muitas histórias na Europa e suas múltiplas conexões com diferentes lugares e saberes, é o primeiro passo a ser dado. O segundo será pensar em uma Europa habitada não apenas por homens e mulheres de pele e olhos claros. O terceiro será o desenvolvimento de uma capacidade de pensar outramente com a intenção de rever as práticas imperialistas entranhadas na historiografia em prol de práticas de pesquisa eminentemente éticas a procura dos mais diversos enredamentos que os humanos foram capazes de produzir. Nosso olhar periférico de brasileiros, assim como o de indianos, haitianos, jamaicanos e tantos outros, muitas vezes mostrou-se capaz de enxergar e analisar a toxidez nacionalista europeia e norte-americana. Mas também devemos aprender a denunciá-la, uma vez que já está a caminhar entre nós, infelizmente. Nesse sentido, a História Global que clama por descentralização e que percorreu as linhas e entrelinhas do artigo que aqui se encerra possui o imenso potencial para fomentar a expansão da consciência histórica, sobretudo a de jovens e crianças ainda em formação. Sem dúvida, muitos terão a ganhar com a acesso ampliado a um número variado de histórias humanas no espaço e no tempo. Gradativamente, os seres humanos que passam a tomar consciência das longas temporalidades e das longas espacialidades deparam-se cada vez mais com a própria finitude, e esta deve ser encarada com a ação e não com a negação, com a razão complexa e não com a emoção simplificadora.

Referências

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**: imperialismo, a expansão do poder – uma análise dialética. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

ALBRIGHT, M. **Fascismo**: um alerta. São Paulo: Planeta, 2018.

BASCHET, J. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BERNAL, M. **Atenea negra**: las raíces afroasiáticas de la civilización clásica. Barcelona: Crítica, 1993 (volume I).

BORGOLTE, M. A crisis of the Middle Ages? Deconstructing and constructing European identities in a globalized world. In: LOUB, G. A. & STAUB, M. (eds.). **The making of medieval history**. York: York Medieval, 2017, p. 70-84.

CONRAD, S. Entrevista para o canal **History on tape**. Disponível na *Internet* em <<https://www.youtube.com/watch?v=ELvBd2-SqgQ>>. Acesso em 26 de junho de 2018.

CONRAD, S. **What is global history?** New Jersey/Oxford: Princeton, 2016.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

D'ARCENS, L. (ed.). **The Cambridge companion to medievalism**. Cambridge: Cambridge University, 2016.

DAVIS-SECORD, S. **Where three worlds met**: Sicily in the early medieval Mediterranean. Ithaca / London: Cornell University, 2017.

DOSSE, F. **Renascimento do acontecimento** – um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Unesp, 2013.

ELLIOTT, A. B. R. **Medievalism, politics and mass media**: appropriating the Middle Ages in the twenty-first century. Cambridge: D. S. Brewer, 2017.

EHRENREICH, B. **Ritos de sangue**: um estudo sobre as origens da guerra. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

GEARY, P. J. **O mito das nações**: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/UNESCO, 2003.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

HOLSINGER, B. **Neomedievalism, neoconservatism, and the war on terror**. Chicago: Prickly Paradigm, 2007.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

JOLY, M. **Introdução à análise de imagens**. Campinas: Papyrus, 1997.

LACOUÉ-LABARTHE, P.; NANCY, J-. **O mito nazista**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LYNCH, A. Medievalism and the ideology of war. In: D'ARCENS, L. (ed.). **The Cambridge companion to medievalism**. Cambridge: Cambridge University, 2016, 135-150.

LILLA, M. **A mente naufragada: sobre o espírito reacionário**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

PACHÁ, P. Por que a extrema direita brasileira ama a Idade Média europeia. **Viomundo**, 05/04/2019. Disponível em: www.viomundo.com.br/politica/paull-pacha-por-que-a-extrema-direita-brasileira-ama-a-idade-media-europeia.html Acesso em 16 de maio de julho de 2019.

PENNA, F. O discurso reacionário de defesa de uma “escola sem partido”. In: GALLEGO, E. S. (org). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 109-113.

SAID, E. W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SCHRAMM, J. **The art of war: medieval imagery in twentieth century propaganda**. Disponível em <<https://makinghistorymatter.ca/2013/04/02/art-of-war/>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

SERGI, G. **L'idea di medioevo: fra storia e senso commune**. Roma: Donzelli, 2005.

SILVA, M. C. da. **História medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, A. D. da. **História Global e Conectada: possibilidades e desafios para a pesquisa e o ensino de História**. Artigo inédito gentilmente cedido pela autora.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros: para além do choque de civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TROUILLOT, M.-R. **Silencing the past: power and production of history**. Boston: Beacon, 1995.